

Livro “Procuram-se artistas: Aspectos da legitimação de (jovens) artistas da arte contemporânea”, de Guilherme Marcondes. Editora Telha. 2022. 376 págs.

Por Hugo Houayek¹

1 Hugo Houayek é artista visual, pesquisador e professor. Doutor em Linguagens Visuais no programa de pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes na UFRJ. Desenvolve uma pesquisa artística sobre o campo pictórico, suas margens e limites. Entende a pintura como um corpo de mil olhos que não para de olhar incessantemente e assim possui o comportamento de uma linguagem com todas as suas imperfeições, impossibilidades e fracassos. Professor adjunto no curso de Artes Visuais na EBA-UFGM. Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha, Belo Horizonte – MG. ORCID: 0000-0002-4975-8483. Lattes: 6049709500267791. Belo Horizonte e Rio de Janeiro, Brasil.

A procura sem fim.

Desde o início, meu objetivo foi realizar uma pesquisa sobre a legitimação de artistas no universo da arte brasileira – compreendendo a legitimação como o processo em que um indivíduo obtém o aval social de seus pares para agir em determinada posição social e, assim, partilhar das benesses e obrigações que a posição ocupada lhe fornece.

Guilherme Marcondes

O livro *Procuram-se artistas* é um exame detalhado sobre o ecossistema que o jovem artista vai encontrar ao se deparar com o meio de arte contemporânea brasileiro. A investigação parte de uma pesquisa de campo, entrevistas com artistas e análises de dados sobre editais, premiações e residências artísticas para colocar em evidência, transparecer e tornar mais inteligíveis os mecanismos, normas, convenções e condutas do circuito de arte brasileira para legitimação do jovem artista contemporâneo brasileiro.

O autor demonstra lucidez e domínio sobre o assunto abordado, pois mesmo oriundo do campo da sociologia, Guilherme, possui uma relação de proximidade e afetividade, tanto conceitual como prática, com o campo artístico, já que atuou em instituições como produtor cultural, assistente de produção em galerias, coordenador de pesquisa e memória, mediador de exposições, restaurador de pintura mural e assistente de artista. Este olhar atento, cuidadoso e próximo demonstra que o autor não é um observador externo que estuda à distância seu objeto.

O livro é resultado de uma pesquisa objetiva, que pretende desmascarar certas percepções e sentidos equivocados criados por grupos pontuais que desconhecem as variadas facetas e elementos do circuito. Entendemos que essa falta de informações tende a provocar uma defasagem sobre o real comportamento do meio de arte e cria um viés idealizado, o qual não contempla a realidade de todo jovem artista. Os dados obtidos na pesquisa significam mais do que uma crença, ou uma percepção individual e parcial, mas focam na realidade brasileira, suas condições sociais, econômicas e políticas para compreender o universo da arte contemporânea brasileira

e como efetivamente ocorrem suas práticas e negociações para legitimação do jovem artista.

Guilherme inicia o livro apresentando quatro questões norteadoras de sua pesquisa: 1 – Quais seriam as regras que regeriam o mundo da arte contemporânea? 2– Quem seriam os jovens artistas selecionados em editais, residências e premiações para artistas em início de carreira? 3 – Quais seriam as estratégias dos jovens artistas para se estabelecerem no circuito de arte? 4 – Qual seria a importância dos jovens artistas para o funcionamento e a manutenção do campo artístico?

Para responder aos pontos o autor apresenta um resumo da história da Sociologia da Arte definindo os termos utilizados, seus conceitos e significados, para assim poder apresentar de forma mais clara o desdobramento da sua própria abordagem. Guilherme traz a seguir uma concisa definição do termo Arte Contemporânea ressaltando sua dimensão histórica, através dos escritos de críticos, curadores, de historiadores da arte, pesquisadores de arte, artistas e sociólogos.

Na sequência faz um mapeamento do contexto da arte contemporânea brasileira através de trabalhos de jovens artistas propondo uma exposição fictícia para comentar e argumentar sobre as questões pesquisadas. Também faz uma análise de três editais de exposições (*Abre Alas, Novíssimos e Salão Anapolino de Arte*), uma premiação (*Prêmio Pipa*) e três residências artísticas (*Programa Bolsa Pampulha, Casa B – Residência Artística e Residência Artística Red Bull Station*) - todas ocorridas entre 2014-2017 voltadas para jovens artistas - onde apresenta um mapeamento por idade, por formação, por gênero e por região. Aqui entendemos a importância e a relevância da formação acadêmica - tanto a graduação como a pós-graduação em universidades públicas para a formação do jovem artista contemporâneo brasileiro. Toda a análise feita sobre esse conjunto de dados busca entender os procedimentos, regras e normas que um artista jovem precisa estar ciente para participar e entrar no circuito de arte contemporânea brasileira.

Guilherme então nos apresenta as entrevistas com 37 jovens artistas das regiões Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, na qual questiona esses artistas sobre como entendem suas práticas artísticas e suas estratégias para se posicionarem no nosso sistema de arte.

Por fim, Guilherme faz um exame sobre as estratégias de inserção social e institucional e a noção de novidade como práticas do processo de legitimação, de reconhecimento e de sucesso na carreira artística.

Percebemos na leitura do livro que, além de apresentar e examinar dados e fatos concretos sobre o circuito de arte contemporânea brasileira, Guilherme expõe os anseios e desejos do jovem artista brasileiro e como este se adequa a realidade econômica, financeira e política da nossa sociedade. Esta pesquisa tão eloquente nos faz entender que a procura de sucesso, notoriedade e reputação do jovem artista é, entre tantas outras coisas, uma necessidade humana básica de pertencimento e reconhecimento. Todo jovem artista quer pertencer e ser reconhecido como participante do grupo dos seus pares artistas. Talvez possamos ir mais adiante e deduzir que todo artista quer ser reconhecido como ser humano e não apenas como uma coisa, um número ou uma peça instrumentalizada no sistema capitalista tardio. Uma dúvida é levantada: será que a arte ainda pode ser esse lugar do reconhecimento do humano em nós? Será que neste momento, quando tudo e todos estão sendo objetificados, a arte ainda é um refúgio para a subjetividade?

Convém destacar e reforçar que este livro é um desdobramento de uma pesquisa e tese de doutorado na área da Sociologia, proveniente de um programa de pós-graduação de uma universidade pública (Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro). É relevante evidenciar, e comemorar, a capacidade de elaboração de pensamento e pesquisa crítica dentro da universidade brasileira que transborda para o mundo. E também enfatizar a importância da transdisciplinaridade na academia - este livro corrobora o potencial desta abordagem, onde é possível evitar a armadilha de uma pesquisa encerrada apenas na sua própria fronteira, ignorando outros campos de saberes.

Para finalizar deve ser evidenciado a fluidez da escrita e a rápida apreensão do texto, tornando assim uma leitura de amplo acesso, tanto para o público em geral, sendo uma leitura introdutória ao assunto ou tanto para o público acadêmico especializado, como uma leitura onde os dados e fatos ajudam a tornar densa e estruturada a discussão sobre o circuito da arte contemporânea brasileira.

Artigo recebido em 4 de novembro de 2022 e aceito em 23 de novembro de 2022.

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons





Figura 1
Capa do livro de Gaby Pereira, com obra de arte do artista Felipe Abdala, Ligar as Margens, 2019, óleo sobre papel.



Figura 2
Capa, contracapa e orelhas do livro de Gaby Pereira.

